



## Formas de resistência da religiosidade, da memória e da cultura negra no Amapá: o caso da comunidade quilombola de Mel da Pedreira

Forms of resistance of religiosity, memory and black culture in Amapá: the case of the quilombola community of Mel da Pedreira

Elivaldo Serrão Custódio \*

Oneide Bobsin \*\*

### Resumo

O presente artigo objetiva refletir sobre as formas de resistência da religiosidade, da memória e da cultura negra da Comunidade de Remanescente de Quilombo Mel da Pedreira, localizada no município de Macapá, estado do Amapá. Uma comunidade que possui sua história, práticas culturais e identidade marcadas pela religiosidade de matriz afro-ameríndia e posteriormente protestante. O presente trabalho trata-se do resultado final de um dos capítulos de um estudo etnográfico de natureza qualitativa que adotou a pesquisa bibliográfica, a análise documental, a entrevista semiestruturada e ação colaborativa (pesquisa-ação) no âmbito da Tese de Doutorado em Teologia. O fator relevante para a escolha desta comunidade deve-se ao fato da mesma se diferenciar das demais, por não trazer como parte de sua cultura, os rituais de matriz africana e as festas de santo católico, à medida que realiza cultos evangélicos. No entanto, os resultados apontam que embora essa comunidade quilombola apresente princípios protestantes em sua forma de vida, nos hábitos e nos costumes, há evidências de resistência de religiosidade afro-ameríndia em suas manifestações religiosas, pois utiliza a Caixa de Marabaixo e o Tambor - instrumentos símbolos de raiz negra muito utilizado nas celebrações de matriz africana no Amapá.

**Palavras-chave:** Quilombo; Formas de resistência; Identidade protestante; Mel da Pedreira-AP

### Abstract

The present article aims to reflect on the forms of resistance of religiosity, memory and black culture of the Remnant Community of Quilombo Mel da Pedreira, located in the municipality of Macapá, Amapá state. A community that has its history, cultural practices and identity marked by the religiosity of Afro-Amerindian and later Protestant. The present work deals with the final result of one of the chapters of an ethnographic study of a qualitative nature that adopted bibliographical research, documentary analysis, semi-structured interview and collaborative action (action research) within the scope of the Doctoral Thesis in Theology. The relevant factor for the choice of this community is due to the fact that it differs from the others because it does not bring African rituals and feasts of Catholic saints as part of its culture, as it carries out evangelical cults. However, the results indicate that although this quilombola community presents Protestant principles in their way of life, habits and customs, there is evidence of Afro - Amerindian religiosity resistance in its religious manifestations, as it uses the Marabaixo Box and Tambor - instruments symbols of black root very used in the celebrations of African in Amapá.

**Keywords:** quilombo; religiosity; forms of resistance; protestant identity; Mel da Pedreira-AP.

---

Artigo submetido em 23 de outubro de 2017 e aprovado em 28 de abril de 2019.

\* Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo – RS. Atualmente, é professor permanente no Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP), bem como professor e coordenador do Curso de Pedagogia da Faculdade Madre Tereza em Santana, Amapá. País de origem: Brasil. E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com

\*\* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Titular de Ciências da Religião nas Faculdades EST, em São Leopoldo – RS. País de origem: Brasil. E-mail: obobsin@est.edu.br

## Introdução<sup>1</sup>

As Comunidades Remanescentes de Quilombo, Comunidades Negras Tradicionais e Comunidades Negras Rurais se enquadram no artigo 215 da Constituição Federal (CF) de 1988, que estabelece como dever do Estado proteger as manifestações culturais afro-brasileiras e no artigo 216, que define como patrimônio cultural brasileiro “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente e/ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (BRASIL, 1988).

A Comunidade de Remanescentes de Quilombo do Mel da Pedreira (CRQMP) é uma comunidade quilombola que se diferencia das demais existentes no estado do Amapá, por não trazer como parte de sua cultura, os rituais de matriz africana e as festas de santo católico<sup>2</sup>, à medida que realiza cultos evangélicos. Acreditamos que essa é uma singularidade frente às características dos quilombos tradicionais no Brasil, pois na sua maioria, cultivam as tradições afrodescendentes e/ou o sincretismo religioso (afro-católico e/ou afro-ameríndio). Embora a adesão ao protestantismo, apresente-se de forma unânime entre todos da comunidade, no entanto, verificamos que toda essa dinâmica social, cultural e religiosa, envolve processos de adesão e de resistência.

A CRQMP é um quilombo que está sob a influência do protestantismo histórico, mais recentemente, pentecostal, que em tese, ambas as tradições tendem a suprimir e/ou demonizar as tradições de matriz africanas e ameríndias. Lembramos que o protestantismo brasileiro está dividido em três grandes

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no GT 9 – Religiões Afro-brasileiras: memórias, narrativas e símbolos de religiosidade do 30º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), que ocorreu em Belo Horizonte-MG, na PUC Minas, no período de 10 a 13 de julho de 2017, com a temática “Religiões em Reforma: 500 anos depois”.

<sup>2</sup> Celebrações religiosas populares em comemorações aos dias de Santos como: Santo Antônio, São João, São Pedro, entre outros. São tradições trazidas pelos colonizadores portugueses, aliada com a vivência da fé a partir da vida e obra deixada por esses homens e mulheres.

vertentes: o protestantismo tradicional e/ou histórico,<sup>3</sup> o pentecostalismo e o neopentecostalismo.<sup>4</sup> Assim nossa problemática esteve centrada em verificar até que ponto as raízes africanas, afro-brasileiras e afro-ameríndias foram totalmente suprimidas e/ou reinterpretadas no cotidiano da CRQMP.

Diane desse contexto, o presente texto objetiva refletir sobre as formas de resistência da religiosidade, da memória e da cultura da Comunidade Quilombola do Mel da Pedreira localizada no município de Macapá, estado do Amapá. O presente trabalho trata-se do resultado final de um dos capítulos de um estudo etnográfico de natureza qualitativa que adotou a pesquisa bibliográfica, a análise documental, a entrevista semiestruturada e uma ação colaborativa (pesquisa-ação) no âmbito da Tese de Doutorado em Teologia defendida em 2017.

A fim de alcançar o objetivo suscitado acima, estruturamos este artigo em quatro seções. Na primeira seção apresentamos os caminhos da pesquisa, onde situamos o leitor sobre o método e abordagem adotada, os instrumentos de coleta e análise de dados que foram utilizados para alcançar nossos objetivos. Na segunda seção, discorreremos sobre um breve histórico da CRQMP.

Na seção subsequente, abordamos sobre sincretismo religioso e comunidades quilombolas: algumas reflexões. Por fim, apresentamos na quarta seção, as formas de resistência da religiosidade negra na CRQMP através da experiência do Ministério de Louvor “Asafes do Rei”, a partir dos quais tecemos nossas considerações finais.

---

<sup>3</sup> Esse grupo surge no Brasil de duas formas: 1) protestantismo da imigração - decorrente da imigração na primeira metade do século XIX, com a chegada de imigrantes alemães ao Brasil; 2) protestantismo de missão – decorrente do trabalho missionário no país a partir da segunda metade do século XIX, por europeus e por norte-americanos vindos principalmente do sul dos Estados Unidos. O protestantismo histórico conserva as crenças cristãs ortodoxas tais como a doutrina trinitária, a cristologia clássica, o credo niceno-constantinopolitano (declaração de fé cristã), entre outros.

<sup>4</sup> Utilizamos o conceito de MARIANO (1995), que afirma que o pentecostalismo é uma corrente cristã que apareceu no Brasil nos primeiros anos do século XX e o neopentecostalismo uma variação dessa primeira, a partir da década de 1960.

## 1 Situando os caminhos da pesquisa

A pesquisa encontrou seu fundamento no método etnográfico com abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Privilegiamos a pesquisa qualitativa, por nos permitir compreender melhor como os integrantes da CRQMP constroem e reconstroem seus saberes e fazeres ao levar em conta os aspectos religiosos e as relações étnico-raciais em seu cotidiano.

Para as técnicas e procedimentos de coleta de dados desta pesquisa, utilizamos observação direta, pesquisa bibliográfica, documental, fotografia, entrevista semiestruturada e uma ação interventiva e/ou colaborativa (Oficina Pedagógica), na CRQMP.

Dentre os métodos adotados para a coleta de informações, combinamos técnicas de análise quantitativa com técnicas de análise qualitativa para uma melhor compreensão dos dados coletados. Ressaltamos que a Oficina Pedagógica foi uma ação pensada e executada como forma de contribuir com reflexões de temáticas como religiosidade, identidade quilombola, racismo, discriminação, educação escolar, dentre outras.

Quanto à realização de entrevista semiestruturada, participaram dessa pesquisa um total de dez pessoas entre homens e mulheres, sendo: o gestor e as duas professoras da Escola Quilombola Estadual Antônio Bráulio de Souza (1º ao 5º ano do ensino fundamental), os três moradores/as mais antigo/as<sup>5</sup> da CRQMP, bem como aqueles que têm representatividade na discussão, elaboração, execução ou decisão nos assuntos e/ou ações de interesse dessa comunidade.

---

<sup>5</sup> Acreditamos ser importante entrevistar os/as moradores/as mais antigos/as da comunidade quilombola, pois eles/elas trazem um maior inventário da memória em relação ao surgimento, a organização, ao momento em que a comunidade adotou a religião cristã de denominação evangélica, assim como quais eram os hábitos e costumes da comunidade antes da evangelização pela Igreja Presbiteriana.

Neste caso, especificamente o líder da Igreja Presbiteriana (uma Igreja “filiada” à Igreja Presbiteriana do Brasil), o líder da Igreja Assembleia de Deus, o líder da Associação de Moradores Remanescentes de Quilombolas da CRQMP (AMORQUIMP) e o líder do Ministério do Deus Vivo e Verdadeiro. A escolha desses líderes deve-se ainda pelo fato de os mesmos fazerem a mediação entre a comunidade, demais comunidades quilombolas no Amapá e instâncias de poder/governo e entidades não governamentais. Desta forma, a tabela geral dos/as participantes das entrevistas ficou assim estruturada:

**Tabela 1 – Caracterização do grupo de entrevistados/as**

<b>Nome Fictício</b>	<b>Instituição que representa</b>	<b>Cor ou Raça</b>	<b>Quilom bola?</b>	<b>Religião</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação Acadêmica</b>
Participante A	Igreja Presbiteriana	Negra	Sim	Protestante	M	57 anos	Estudou até a 4ª série do antigo 1º grau
Participante B	Igreja Assembleia de Deus	Negra	Sim	Protestante	M	37 anos	Ensino fundamental completo
Participante C	Ministério do Deus Vivo e Verdadeiro	Parda	Sim	Protestante	M	45 anos	Ensino médio incompleto
Participante D	Presidente da AMORQUIMP	Preta	Sim	Protestante	M	30 anos	Ensino Superior completo
Participante E	Direção escolar	Parda	Não	Católica	M	33 anos	História
Participante F	Professora na CRQMP	Negra	Sim	Protestante	F	55 anos	Pedagogia
Participante G	Professora na CRQMP	Parda	Não	Católica	F	28 anos	Pedagogia
Participante H	Morador mais antigo da CRQMP	Negra	Sim	Protestante	M	81 anos	Estudou até a 3ª série do antigo 1º grau
Participante I	Morador mais antigo da CRQMP	Negra	Sim	Protestante	M	70 anos	Estudou até a 4ª série do antigo 1º grau
Participante J	Moradora mais antiga da CRQMP	Negra	Sim	Protestante	F	66 anos	Estudou até a 4ª série do antigo 1º grau

**Fonte: Pesquisa própria. Entrevistas realizadas de setembro a outubro de 2016.**

A tabela 1 nos mostra que dentre as pessoas participantes da entrevista, somente dois entrevistados/as não são quilombolas (Participantes E e G - representante da direção escolar e uma professora do contrato administrativo, ambos moradores na cidade de Macapá-AP). Dentre os/as entrevistados/as a religião predominante exercida e/ou praticada é a protestante, com exceção também dos dois Participantes E e G que são de denominação católica.

Em relação à questão da cor, os/as participantes da pesquisa ficaram livres para respondê-los através da autodeclaração sobre sua cor/raça, através do preenchimento dos dados pessoais, para implicitamente reconhecermos características como racismo, discriminação e/ou preconceito. Assim, analisando a tabela 1, notamos que a maioria (seis entrevistados/as) utilizou a definição de “negra”, sendo que três utilizaram a definição de “parda” e um a definição de “preta”.

Segundo Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (PNAD) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015, a população brasileira que se autodeclara negra ou parda está aumentando na última década. Segundo a mesma pesquisa, 53% dos brasileiros e brasileiras se declararam “pardos/as” ou “negros/as” no ano de 2014. Além dos pretos, cresceu também o número de pessoas autodeclaradas pardas. Juntos, os conceitos de pardo e preto formam a população negra do país, que passou de 48,1% em 2004 para 53% em 2014. O uso do termo “preto” costuma ser muito criticado por ser um termo carregado de significado ofensivo e preconceituoso, entretanto, é essa a terminologia oficial utilizada nas pesquisas do IBGE (BRASIL, 2014-2015).

A problemática do quesito *cor* é um aspecto que precisa ainda ser amadurecido em discussões e reflexões no Brasil, pois aparentemente não há um conceito homogêneo quanto a essa classificação e caracterização. A questão da autodeclaração decorre muitas vezes do desconhecimento que temos sobre proximidade ou distanciamento quanto ao pertencimento racial. Além disso, a autodeclaração da cor e/ou pertencimento racial de uma pessoa está muitas vezes confirmada ou negada pelo olhar do outro.

Quanto ao nível de escolaridade dos/as participantes da pesquisa, observamos na tabela 1 que a maioria dos quilombolas residente no local, só estudou até o 5º Ano do Ensino Fundamental (Antigo 1º Grau) devido à escola só oferecer até esse nível de ensino. Os/as outros/as quilombolas que alcançaram outros níveis de ensino se deram devido o fato de terem saído da comunidade para estudarem na cidade, principalmente na cidade de Macapá. Outro fator importante que destacamos analisando a tabela 1 trata-se da idade dos entrevistados/as, pois a maioria deles/as tem mais de 30 anos. Com exceção dos três quilombolas mais antigos do quilombo que estão entre o intervalo de 66 a 81 anos.

É pertinente também ressaltar algumas questões quanto ao nível de escolaridade e liderança religiosa do Participante A, líder da Igreja Presbiteriana local, pois no sistema Presbiteriano no Brasil (em todas as denominações Presbiterianas) não se ordena pastor/a sem formação teológica. O fato deste líder local não possuir formação teológica e/ou formação básica completa, trata-se de um caso atípico de ordenação, pois o líder leigo possui muita influência e liderança religiosa na comunidade.

Sobre a questão de gênero, dos dez participantes da pesquisa, sete são do sexo masculino e três do sexo feminino. Essa questão se dá pelo fato das pessoas que representam e/ou tem voz na comunidade serem do sexo masculino. A exceção das três mulheres nessa pesquisa, se dá pelo fato de duas serem professoras que atuam na escola local – um universo na maioria das vezes liderado por pessoas do sexo feminino – e a terceira pessoa por ser a mulher mais antiga e que esteve presente em todo o processo histórico da CRQMP.

Os participantes da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo informados de que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Os participantes envolvidos nas entrevistas receberam uma codificação a fim de garantir o anonimato. Optamos por determiná-los de “Participante” no corpo do trabalho, adicionando-lhes, após o uso do termo, uma letra maiúscula do alfabeto.

Para a análise e interpretação dos dados coletados nos valemos do aporte teórico advindo do sóciointeracionismo dialógico de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 2000). O interacionismo sócio-discursivo “é um quadro teórico que entende as condutas humanas como ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de tudo, um produto da socialização” (BRONCKART, 2003, p. 13).

## **2 A comunidade de remanescentes de Quilombo do Mel da Pedreira**

A CRQMP está localizada na BR 156, na altura do quilômetro 30, cerca de 50 quilômetros da capital Macapá/AP, município ao qual a comunidade pertence. O acesso à CRQMP é realizado por uma estrada asfaltada e depois por um pequeno ramal sem asfalto até a vila, mas a comunidade também utiliza o transporte fluvial pelo lago perene que há no território. Esse lago faz a interligação com as comunidades vizinhas como Alegre e São Pedro dos Bois.

O nome da comunidade advém da época em que Antônio Bráulio de Souza, comprou as terras e começou a prepará-la para a agricultura. Com a derrubada das árvores e da vegetação nativa foram encontradas abelhas sem ferrão e uma quantidade expressiva de mel na região, que já se chamava pedreira por causa da influência do rio Pedreira. Daí a denominação de Mel da Pedreira (SUPERTI; SILVA, 2013, s/p).

De acordo com o Diário Oficial da União (DOU) de 02/02/2007, Seção 1, fl. 98, a área correspondente ao território da CRQMP foi reconhecida e declarada em 2.629,0532 ha. A CRQMP foi a 3<sup>a</sup> comunidade a autoreconhecer e autodefinir e o 3<sup>o</sup> quilombo a ser titulado no Amapá. Na época foram cadastradas dezesseis famílias domiciliadas na comunidade. Além disso, havia mais oito famílias, pertencentes à comunidade, que residiam na área urbana por razões de trabalho e de estudo.

Atualmente, aproximadamente 28 famílias vivem na comunidade, cerca de 142 pessoas. No entanto, esse quantitativo de moradores na CRQMP, vem variando nos últimos anos devido a dois fatores distintos: 1) a constante migração das

peças mais jovens para a zona urbana/município de Macapá-AP em busca da continuidade de seus estudos e uma melhor qualidade de vida; 2) e/ou retorno para a CRQMP devido aos investimentos sociais e econômicos na comunidade como por exemplo a construção de 42 casas habitacionais oriundas do Programa “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal que foram entregues no final do ano de 2016.

A CRQMP existe desde 1954, sendo que no ano de 1968 passou a se declarar protestante, particularidade essa que marca a identidade desta comunidade, pois foi a única no estado do Amapá reconhecida e titulada como uma comunidade quilombola evangélica. Lembramos que a maioria das famílias nasceu na comunidade, exceto os primeiros ocupantes que vieram de outras comunidades afrodescendentes do estado do Amapá. Ao chegarem à região tinham como religião oficial o catolicismo apostólico romano e eram devotos de Santo Antônio, mas a aproximadamente quarenta e sete anos foram convertidos ao protestantismo.

O protestantismo na CRQMP se iniciou por meio de missionários da Igreja Presbiteriana de Macapá-AP (IPM) que chegaram à comunidade no ano de 1968. A IPM é uma Igreja filiada à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), estabelecida em nosso país desde o século XIX. Observamos na análise preliminar da pesquisa que a religiosidade na CRQMP é muito presente no seu cotidiano. Ao chegarmos na comunidade é notório como o modo de vida da comunidade se difere dos padrões religiosos de uma comunidade de matriz africana.

Dentre os diversos quilombos existentes e/ou reconhecidos no estado do Amapá, nunca um quilombo sofreu tanta influência e/ou interferência em sua cultura como a CRQMP. Em relação à organização desta comunidade, Soares (2008, p. 13) declara que “as pessoas que vivem nos dias atuais no Mel da Pedreira são bastante simples, suas casas, construídas próximo ao igarapé, são feitas de madeira e cobertas com telhas de barro e algumas de amianto”.

Embora haja uma relação harmoniosa de cuidado e respeito entre as pessoas de ambos os sexos, do ponto de vista institucional e religioso, a CRQMP apresentam uma prática de organização patriarcal, já que os líderes políticos e religiosos da comunidade são todos do sexo masculino. Além disso, há um respeito e obediência muito grande com aqueles mais velhos e a liderança política da comunidade.<sup>6</sup>

Sobre identidade negra, este é um tema que vem ganhando destaque no processo de discussão, tanto no seio dos Movimentos Negros<sup>7</sup>, como em meio a alguns cientistas sociais, que tentam além de desmascarar a democracia racial, resgatar a cultura negra.

A identidade negra, assim, como em outros processos identitários, se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos. E é entendida segundo Gomes (2005, p. 43), como uma “construção social, histórica, cultural e plural”. E esta construção da identidade negra não está relacionada somente a dimensão subjetiva e simbólica, mas, sobretudo no seu sentido político, pois este grupo, no processo histórico, sempre foi excluído de participações na sociedade (MUNANGA, 1994).

Observamos que a identidade religiosa que compõe um quilombo evangélico é muito diferente de um quilombo tradicional. Ou seja, enquanto um quilombo tradicional tem suas tradições, em sua maioria, pautadas em valores e costumes de base africana, base de matriz afro-ameríndia e/ou ainda voltados para o sincretismo religioso, um quilombo evangélico tem sua identidade religiosa centrada em princípios protestantes tais como: valores e princípios de fé fundamentados na Soberania de Deus; Supremacia da Bíblia Sagrada como única regra infalível de fé e prática, dentre outros.

---

<sup>6</sup> Diário de campo – 29 de setembro de 2016.

<sup>7</sup> Movimentos negros são entendidos aqui como formas de organização criadas pelos afro-brasileiros para combater o racismo e pleitear melhores condições de vida tanto no período escravista como após a abolição. Inserem nesse conjunto as diversas formas de agência negra identificada ao longo da história: desde a formação de quilombos e irmandades negras a partir do século XVI, passando pela imprensa negra criada em vários estados do país no século XIX até os movimentos negros contemporâneos (CUSTÓDIO, 2014, p. 18).

É pertinente ressaltarmos que os quilombos além de serem símbolos de resistência, são constituídos por tradições, valores, costumes, rituais, formas organizativas, organização familiar, experiência de socialização, entre outros. Por consequência disso, os quilombos devem ser reconhecidos, conceituados e compreendidos na sua constituição histórica, fortalecendo assim, a riqueza das diferenças étnicas e culturais desses grupos.

### **3 Sincretismo religioso em comunidades quilombolas: algumas reflexões**

Compreender as manifestações sincréticas em comunidades quilombolas, significa imergir num sistema complexo de crenças, manifestações culturais e religiosas distintas e costumes diversos. Observamos na história do negro no Brasil sobre a conceituação e/ou definição de quilombo, que a maioria dos quilombos brasileiros tem sua base religiosa centrada no sincretismo religioso.<sup>8</sup> Diferente da CRQMP que aparentemente não realiza mais os rituais tradicionais e sim cultos de base protestante, resultado de algumas trocas decorrentes de um processo sócio-histórico-religioso.

O sincretismo religioso no Brasil é um fenômeno social complexo, pois ora tem sido tratado de forma negativa, ora de forma positiva. Assim, para analisar o sincretismo religioso brasileiro, nos debruçamos em importantes pesquisas para ampliar nossa visão do termo sincretismo, como as de Boff (1982), Serra (1995), Munanga (1989), Bastide (1971), Sanches (2001) e Bobsin (2003).

No Brasil uma tendência favorável aos estudos sobre o sincretismo, como podemos destacar, são os estudos de Seppilli (1955); Henry (1987); Motta (1982), entre outros/as. Apesar da polêmica e divergências conceituais quanto ao conceito de sincretismo religioso, verificamos que este fenômeno está ligado e/ou faz parte

---

<sup>8</sup> Para Boff (1982) todas as religiões são sincréticas e o sincretismo não ocorre apenas na religião, mas em outros aspectos da cultura. Já Serra (1995, p. 197-198), discute longamente a problemática do sincretismo, analisando, sobretudo a situação na Bahia. Não concorda que sincretismo seja apenas mistura e confusão de religiões. Propõe “[...] que se chame de ‘sincretismo’, em sentido estrito, a todo processo de estruturação de um campo simbólico-religioso ‘interculturalmente’ constituído, correlacionando modelos míticos e litúrgicos ou gerando novos paradigmas dessa ordem que assinalem expressamente outros [...] de maneira a ordenar novo espaço intercultural”.

de muitas culturas e religiões. Ou seja, o processo de sincretismo não acontece somente no campo da religião, mas estende-se também ao campo da cultura.

No Brasil, costuma-se atribuir também o termo sincretismo quase que exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras. Mas em nossos estudos, observamos que, segundo os/as autores/as pesquisados/as, o sincretismo está presente em qualquer religião, seja em tradições africanas e/ou afro-brasileiras, no cristianismo primitivo, no popular ou no atual.

Bastide (1971) ao analisar o sincretismo religioso enfatiza que existem duas formas de compreendermos o sincretismo. Primeiro seria do ponto de vista “religioso”, o qual busca correspondência entre sistemas diferentes. O outro seria do ponto de vista da “magia”, isto é, do mágico, que busca adição de elementos dos referidos sistemas.

Quanto ao sincretismo afro-brasileiro, este ainda hoje é tema que merece a atenção acadêmica, pois há combinações de elementos de santos católicos com orixás, inquices e voduns das tradições de matrizes africanas no Brasil. No decorrer dos anos, as religiões afro-brasileiras sofreram múltiplas formas de interpretação, apresentando assim, uma diversidade de rituais e de formas de transmissão do conhecimento.

Segundo Sanches (2001, p. 69), por exemplo, o sincretismo religioso “valeu como uma poderosa arma que de início os negros habilmente manejaram contra a pressão esmagadora da cultura superior dos povos escravizadores”. Entretanto, Bobsin (2003) nos lembra que:

É indiscutível a influência de quatro séculos de escravidão na economia colonial; foram quase 400 anos de opressão cruel sobre os negros africanos, mas que não conseguiram aniquilar a identidade de milhões de africanos e de seus descendentes porque os seus sistemas religiosos, desde os primórdios do Brasil, desempenharam o papel de preservação do patrimônio cultural mutilado pela escravidão. Mas as implicações da escravidão não se restringem apenas aos negros e negras. Ela tingiu o tecido social brasileiro [...]. (BOBSIN, 2003, p. 26-27).

Para os/as autores/as citados/as anteriormente, o sincretismo foi também uma estratégia tanto de sobrevivência, de sabedoria, quanto de adaptação que os africanos e africanas trouxeram para o Novo Mundo. Ou seja, uma fusão de elementos diferentes como forma de resistência à opressão do colonialismo. Para Bobsin (2003),

com a marca da diversidade cultural e religiosa desde a África, a escravidão a dissolveu acrescentando novos elementos pela incorporação de elementos do catolicismo ibérico e de práticas religiosas indígenas. Todavia, é esta capacidade de “sincretizar” que plasma as almas dos brasileiros [...] Portanto, entre as diversas influências dos negros na constituição do Brasil, destacamos a religião [...]. (BOBSIN, 2003, p. 27).

Nos estudos de Munanga (1989), *Art africain et syncretisme religieux au Brésil* (Arte Africana e o Sincretismo religioso no Brasil), percebemos distinções entre pensamentos de pesquisadores/as das religiões afro-brasileiras, pois há um grupo que crê no sincretismo entre religiões católicas e afro-brasileiras e se apropria do conceito, e outro grupo que nega e repudia o termo sincretismo.<sup>9</sup>

Na realidade, esse repúdio de sincretismo religioso nas religiões afro-brasileiras está muito ligado às formas de opressão, perseguição, discriminação, desvalorização e intolerância que a população negra sofreu e vem sofrendo ao longo dos séculos. Para Munanga (1989), ambos estão equivocados porque partem do conceito para a realidade, sem analisar adequadamente o conceito e a realidade.

Assim, entender essa relação sincrética na cultura brasileira requer uma apurada sensibilidade para compreender, sob uma perspectiva mítica e ao mesmo tempo sociológica, como os brasileiros e brasileiras lidam com sua espiritualidade/religiosidade.

---

<sup>9</sup> Esta discussão difundiu-se principalmente após a realização da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, que aconteceu em 1983 no Estado da Bahia/Brasil. A partir desta conferência, segundo Ferretti (1998, 184-185) em palestra proferida em 07/06/2001, em Recife, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco/Brasil afirmou que alguns “líderes conhecidos das religiões afro-brasileiras passaram a condenar o sincretismo afro-católico, afirmando não ser hoje mais necessário disfarçar as crenças africanas por traz de uma máscara colonial católica”.

#### 4 Formas de resistência da religiosidade negra: a experiência do Ministério de Louvor “Asafes do Rei”<sup>10</sup>

O Ministério de Louvor “Asafes do Rei” é um grupo formado por membros da Igreja Presbiteriana que canta vários estilos de música evangélica. Em conversa com a líder do grupo Edinéia de Souza Cyrillo Neriz<sup>11</sup> nos relatou que antes de 2014 este grupo só trabalhava com o estilo comum, isto é, tradicional (canções e letras de cunho religioso de matriz protestante. No entanto, com a visita do maestro Marcos Martins Araújo da cidade de São Paulo no ano de 2014, seguindo ideias e sugestões do mesmo, adaptaram suas canções (letra e ritmo) à realidade quilombola amapaense.

Desde então, o grupo vem usando as caixas de Marabaixo e os Tambores nas celebrações religiosas na igreja ou por onde tem passado. Relata Edinéia de Souza Cyrillo Neriz que no início a novidade não foi bem aceita pela comunidade protestante, principalmente pelos mais antigos, pois algumas pessoas achavam que “não era de Deus” usar esses instrumentos. Entretanto, Edinéia conta que explicava a essas pessoas - com base nas Sagradas Escrituras - de que a própria Bíblia Sagrada afirma que se deve Louvar a Deus com adufes, tambores, pandeiros, atabaques, entre outros, e que acredita que tinha sido Deus que havia criado esses instrumentos para o seu louvor e adoração. Citava, por exemplo, o Salmo 150 para dar veracidade as suas afirmações. Segundo este Salmo, de acordo com a versão Almeida revista e atualizada da Bíblia Sagrada (2008), devemos louvar a Deus no seu santuário e em meio à relação do uso de instrumentos como trombetas, saltérios, harpa; com adufes e danças; com instrumentos de cordas e com flautas; com címbalos sonoros e retumbantes.

---

<sup>10</sup> Asafe foi um levita, filho de Barauias, descendente de Gerson, filho de Levi (1Cr 6:1; 6:39-43). Asafe foi um músico importante da época do rei Davi. Foi constituído pelo rei como líder dos levitas que foram postos como ministros perante a Arca do Senhor (1Cr 16:4,5).

<sup>11</sup> Diário de campo – conversa realizada em 21 de outubro de 2016 no CRQMP.

Com isso, ao longo desses dois anos (2014-2015), foram convencendo a comunidade da importância também de valorizar suas raízes, ou seja, sua identidade negra. Mesmo assim, expressa Edinéia que ainda existe resistência por parte de alguns membros da Igreja Presbiteriana.

Edinéia de Souza Cyrillo Neriz, além de líder do grupo, toca violão e é compositora. Relata-nos que isso é um “dom de Deus” que recebeu aos 12 anos de idade quando compôs a sua primeira canção em ritmo africano. Chegou a ganhar um festival de música com a sua primeira canção intitulada “Deus é Amor”. Desde então vem compondo várias músicas, chegando a um quantitativo de mais de 300 canções.

Dentre tantas canções, atribui destaque para a música que considera muito significativa para sua vida, a canção intitulada “Missão do Quilombo”, uma das músicas mais cantadas e pedidas em suas apresentações. A seguir, apresentamos a letra desta canção, cantada em ritmo africano, com o uso dos instrumentos de Caixa de Marabaixo e Tambor, que retrata um pouco da nova identidade quilombola:

### **MISSÃO DO QUILOMBO**

Somos do Quilombo do Mel, do Mel da Pedreira,  
E estamos hoje aqui, pra louvar o Deus Guerreiro  
É nossa missão, falar do amor de Cristo,  
Com muita alegria, louvamos o nosso Deus.

Estamos aqui para louvar o Rei da Glória,  
Com muita alegria, porque nos dá vitória,  
Ele nos pôs nos lábios uma canção,  
Canção de gratidão e nos livrou da escuridão.

Senhor, Senhor, Senhor, Senhor,  
Senhor, Senhor, Meu Salvador!  
Jesus, Jesus, Jesus, Jesus,  
Jesus, Jesus, é a nossa luz.

Atualmente, o grupo conta com a participação de 18 integrantes sendo 13 adultos entre homens e mulheres e 5 crianças, pois o grupo também conta com a participação dos “Asafes Mirim”, um grupo formado por crianças da CRQMP que

também tocam já no ritmo dos adultos, usando os mesmos instrumentos de percussão, mas eles só tocam, não cantam ainda. Segundo ainda Edinéia de Souza Cyrillo Neri, eles também utilizam outros instrumentos como bateria, guitarra, contrabaixo e violão, mas quando é no ritmo do marabaixo, eles usam só os tambores.

Quando perguntamos aos participantes da pesquisa (pastores) sobre qual é o significado ou a simbologia desses instrumentos musicais de matriz afro utilizados nos cultos, em especial a caixa de marabaixo e o tambor, obtivemos as seguintes respostas:

[...] são instrumentos que agora são consagrados ao trabalho do Senhor, então são instrumentos assim que por ser é a gente é dando esse trabalho é digamos essa cultura de afro descendente cristão é necessário nós termos esses instrumentos [...] Existe assim uma aceitação bem na comunidade desses instrumentos no culto né porque muita gente tem a visão equivocada pelo fato de ser de matriz religiosa africana existe alguma rejeição [...] e aceitação por parte da igreja da comunidade dos instrumentos que antes eram direcionados aos orixás e hoje são direcionados, consagrados a Deus [...]. (PARTICIPANTE A – REPRESENTANTE DA IGREJA PRESBITERIANA).

Eu acho interessante isso. Biblicamente nós sabemos que a Bíblia, ela fala que devemos louvar a Deus de todas as formas [...] Então essa adaptação bíblica ela tem total aceitação. Não há nada que a Bíblia, a palavra de Deus censure dentro dessa questão da música que são os instrumentos que se formos olhar o termo bíblico dentro dessa questão pela qual foi adotada, essa questão musical na igreja [...] então essa questão hoje aí, ela foi fácil de introduzir dentro da igreja certo que a resistência de algumas pessoas foi inevitável, mas hoje há uma conciliação muito boa até porque a Bíblia ela nos respalda. (PARTICIPANTE B – REPRESENTANTE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS).

Tem uma diferença o ritmo, o ritmo continua o mesmo o Marabaixo, o batuque, mas que diferencia as nossas canções de hoje é que nós colocamos letras que são baseadas na Bíblia Sagrada e antigamente era baseada em algum santo ou algum espírito tal fora da Palavra de Deus, mas o ritmo continua sendo o mesmo o Marabaixo o batuque, a caixa. (PARTICIPANTE C – REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DO DEUS VIVO E VERDADEIRO).

Essas afirmações acima confirmam nossos questionamentos levantados no decorrer desta pesquisa, pois observamos que embora os discursos dos/as moradores/as da CRQMP negarem essa presença simbólica, afirmando que não há nenhuma conexão e que os cultos, os instrumentos, a forma e a intenção são

diferentes, a nosso ver, suas celebrações e/ou manifestações religiosas, estão fundadas na religiosidade africana e afro-brasileira, pois os ritos, os símbolos e os instrumentos são os mesmos de raiz de matriz africana e/ou afro-brasileira, inclusive a musicalidade.<sup>12</sup>

Quando perguntamos aos participantes da pesquisa, se além dos instrumentos de matriz afro utilizados na igreja, a musicalidade e o ritmo também seguiam aos padrões de matriz africana, obtivemos as seguintes respostas:

[...] nós temos as duas, nós temos a música com o ritmo dos instrumentos dos tambores também temos violões, temos baixo, temos bateria, temos esses instrumentos. Então graças a Deus nós temos pessoas habilitadas a tanto um quanto outro [...]. (PARTICIPANTE A – REPRESENTANTE DA IGREJA PRESBITERIANA).

A gente usa a tabaqueira, o pandeiro, contrabaixo [...] guitarra, tudo a gente usa. (PARTICIPANTE C – REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DO DEUS VIVO E VERDADEIRO).

É inegável que exista influência religiosa e cultural de matriz africana e/ou afro-brasileira nos cultos da Igreja Presbiteriana e do Ministério do Deus Vivo e Verdadeiro da CRQMP. Parece-nos que nesses cultos acontece uma miscigenação de crenças e a cultura afro-protestante<sup>13</sup> exerce uma forte influência na comunidade. Lembramos que a música africana e afro-brasileira se encontra imersa no universo da cultura brasileira. Além disso, a música africana e afro-brasileira é um elemento também identificador da identidade negra.

Sobre a questão da musicalidade nos cultos protestantes, nas últimas décadas vem mudando e/ou sofrendo alterações, pois por muito tempo não se permitia, por exemplo, o uso de palmas, instrumentos como bateria, atabaque, entre outros. Podemos dizer que se adotavam estilos musicais totalmente europeus e americanos. Entretanto, na atualidade, existe uma variedade de estilos musicais, de instrumentos e de ritmos. E nesse espaço, as musicalidades bem como os instrumentos de matriz africana e afro-brasileira estão presentes.

---

<sup>12</sup> Diário de campo – 07 de fevereiro de 2016.

<sup>13</sup> Nesse estudo nos apropriamos do termo “afro-protestante” por ser um conceito ou uma autodeclaração muito utilizada pelos quilombolas da CRQMP para se caracterizarem como uma comunidade quilombola negra de cunho religioso protestante.

Em pergunta ao Participante C sobre sua opinião quanto ao comportamento, aceitação e/ou reação da CRQMP ao ver a utilização de instrumentos e musicalidade de matriz africana no culto, o entrevistado ressaltou que a comunidade quase em geral aceita, com exceção de alguns poucos que no início criticavam por causa do ritmo que era igual ao de Marabaixo e Tambor, isto é, ritmo e musicalidade típica de cultura de matriz africana e afro-brasileira. Entretanto, a partir do ano de 2014, a CRQMP foi aceitando e hoje adere totalmente a essa releitura cultural, até porque as letras das canções têm como base inicial a Bíblia Sagrada.

O Participante D, representante da AMORQUIMP, relembra que quando começaram a adaptar a caixa de marabaixo e o tambor de matriz afro em suas manifestações religiosas, tiveram resistência não dentro da comunidade, mas por parte da liderança religiosa. Expressa que no início da conversão da CRQMP, a igreja local era presidida por pastores tradicionais que vinha de fora e que não conheciam a realidade local. Inclusive cita relatos de pastores que criticavam até o método de trabalho agrícola que era ultrapassado ou inapropriado. Entretanto, por questões de respeito e obediência aos seus líderes religiosos, os moradores não revidavam ou reclamavam de tais observações, mas também não concordavam com essas afirmações. Com a consagração de um pastor quilombola local, as coisas começaram a mudar, pois perceberam a importância de se manter a identidade negra através do uso da caixa de marabaixo e do tambor como heranças culturais da comunidade local.

## **Conclusão**

No decorrer desta pesquisa, observamos que a concepção de Quilombo está engendradora nas questões da cultura, da identidade e da religiosidade. No caso da CRQMP, em especial, verificamos que o processo de evangelização vem trazendo como resultados novos hábitos e valores. Ou seja, neste espaço, o modo de vida é sacralizado pelo protestantismo.

Através da presente pesquisa foi possível averiguar que a CRQMP existe desde 1954, onde eram devotos de Santo Antônio, resoluto de ladainha e práticas de pajelança, mas no ano de 1968 passaram a se declarar protestante, particularidade essa que marcou a identidade da comunidade, pois foi a única no estado do Amapá reconhecida e titulada como uma comunidade quilombola evangélica. O título é de 21 de março de 2007.

Por meio da caracterização realizada dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, identificamos quem são eles, como vivem, como trabalham, como se relacionam, quais as suas crenças, dentre outros aspectos. A pesquisa possibilitou a percepção de que os laços familiares são fortes entre eles, assim como o valor do trabalho coletivo, da preservação da terra, em especial, a prática religiosa protestante, a qual faz todo sentido a essa harmonia e vivência em grupo, pois a religião legitima as relações amigáveis por meio de suas crenças e espiritualidade.

Os discursos presentes nas falas dos entrevistados e demais moradores do quilombo contribuem para a ressignificação da identidade local. A “nova identidade quilombola” da CRQMP é o resultado de uma junção de elementos ligados às raízes de sua ancestralidade com elementos e símbolos de doutrinas protestantes.

Em virtude disso, foi possível chegar à compreensão de que manifestações sincréticas em comunidades quilombolas significam imergir num sistema complexo de crenças, manifestações culturais e religiosas distintas e costumes diversos, ou seja, requer uma apurada sensibilidade na sua compreensão.

Durante a análise dos resultados da pesquisa, percebemos que apesar da polêmica e divergência em termos conceituais como o conceito de sincretismo religioso, esse fenômeno está muito ligado e/ou faz parte de muitas culturas e religiões. E no caso da CRQMP, verificamos, por exemplo, que as mudanças não aconteceram somente por influência de fatores religiosos, mas, sobretudo, por reflexões sociais e interculturais da comunidade como espaço coletivo.

Sobre o significado ou a simbologia dos instrumentos musicais utilizados nos cultos, em especial a caixa de marabaixo e o tambor, os entrevistados alegam que esses instrumentos são consagrados ao trabalho do Senhor. Se antes eram direcionados aos orixás e/ou aos espíritos da floresta, hoje são direcionados e consagrados a Deus em uma perspectiva cristã. Por outro lado, afirmam que embora o ritmo e a musicalidade seja a mesma, há diferença nas letras das canções, pois, desde o ano de 2014, têm como base a Bíblia Sagrada.

Tais evidências respondem alguns de nossos questionamentos durante o decorrer desta pesquisa, pois demonstram situações concretas de que nesta comunidade quilombola há relações sincréticas e ao mesmo tempo, uma negação, oposição e/ou desvalorização da ancestralidade religiosa de matriz afro-ameríndia.

Por fim, embora os resultados apontem que no cotidiano da CRQMP princípios protestantes são bem perceptíveis, há evidências de resistência de religiosidade, de memória e cultura negra em suas manifestações religiosas, pois utilizam a Caixa de Marabaixo e o Tambor, instrumentos símbolos de raiz negra muito utilizados nas celebrações de matriz africana no Amapá.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971. v.2.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblia do Brasil, 2008.

BOBSIN, O. Etiologia das doenças e pluralismo religioso. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo-RS, v. 43, n. 2, p. 26-27, 2003. Disponível em: <[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4302\\_2003/et2003-20bob.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4302_2003/et2003-20bob.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BOFF, L. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988\\_30.06.2004/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_30.06.2004/CON1988.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2014.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento agrário. Instituto nacional de colonização e reforma agrária. Diário Oficial da União (DOU) de 02/02/2007, Seção 1, fl. 98. **Portaria de 30 de janeiro de 2007**. Reconhece e declara como território da Comunidade Remanescente de Quilombo do Mel da Pedreira, a área de 2.629,0532 ha, situada no Município de Macapá, Estado do Amapá, cujo perímetro de 20.470,49m, acha-se descrito no memorial descritivo que acompanha a presente portaria. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/443896/pg-98-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-02-02-2007>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012** que trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196/1996. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 28 jan. 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores, 2014 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - 2. ed. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios, 2014**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411102015241013178959.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. Reimpressão. São Paulo: EDUC, 2003.

CUSTÓDIO, E. S. **Políticas públicas e direito ambiental cultural**: as religiões de matrizes africanas no currículo escolar no Amapá. Amapá, 2014. 198f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas, Universidade Federal do Amapá.

FERRETTI, S. F. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100010>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0182.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **educação anti-racista, caminhos abertos pela lei federal 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Educação Para Todos).

HENRY, A. V. A Semana Santa nos terreiros: um estudo do sincretismo religioso em Belém do Pará. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro: ISER, v. 14, n. 3, p. 57-71, 1987.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIANO, R. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - FFLCH/USP, 1995.

MOTTA, R. Bandeira de Alairá: a Festa de Xangô-São João e problemas do sincretismo. In: MOURA, C. E. M. de (Org.). **Bandeira de Alairá: outros escritos sobre a religião dos orixás**. São Paulo: Nobel, 1982. p. 1-11.

MUNANGA, K. Art Africain et syncretisme religieux au Brésil. **Dédalo**, São Paulo, n. 27, p. 99-128, 1989.

MUNANGA, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, M. J. P. (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

SACRAMENTO, S. M. da S. **O impacto das trocas culturais nas comunidades quilombolas: do tambor a guitarra**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado "Stricto Sensu" em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2013. 107 f. Disponível em: <<http://www.unama.br/novoportal/ensino/mestrado/programas/comunicacao/attachments/article/130/O%20impacto%20das%20trocas%20culturais%20nas%20comunidades%20quilombolas%20do%20tambor%20C3%A0%20guitarra.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

SANCHES, P. **Percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Verj, 2001.

SERRA, O. **Águas do rei**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes; Koinonia, 1995.

SEPPILLI, T. Il sincretismo religioso afro-cattolico in Brasile. Bologna Nicola Zanichelli. **Estratto da Studi e materiali di storia delle religioni**, v. XXIV-XXV, 1995, p. 1953-1954.

SILVA, M. G. da. Territórios quilombolas no estado do Amapá: um diagnóstico. In: **Anais... XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Uberlândia/MG, 15 a 19 de outubro de 2012. Disponível em: <[www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1308\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1308_1.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2014.

SOARES, L. R. **A Territorialidade quilombola em comunidades rurais: o quilombo do Mel da Pedreira (Amapá)**. Seminário internacional - Amazônia e fronteiras do conhecimento. Núcleo de altos estudos amazônicos (NAEA) - 35 anos. Universidade Federal do Pará. 9 a 11 de dezembro de 2008. Belém - Pará – Brasil. Disponível em: <<http://www.naea.ufpa.br/siteNaea35/anais/html/geraCapa/FINAL/GT1-352-1316-20081129011508.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

SUPERTI, E.; SILVA, G. de V. *et al.* Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). **Mapeamento e publicação do patrimônio cultural das 28 comunidades quilombolas no Estado do Amapá, certificadas e/ou tituladas pela Fundação Cultural Palmares**. Macapá: [s.n.], 2013. Disponível em: <[http://lides.unifap.br/comunidades/mel\\_da\\_pedreira.html](http://lides.unifap.br/comunidades/mel_da_pedreira.html)>. Acesso em: 10 fev. 2014.